# PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA (PLE): FORMAÇÃO DOCENTE E CONSTRUÇÃO DE EXPEDIENTES DIDÁTICO-METODOLÓGICOS

Ev'Angela Batista Rodrigues de Barros*

Maria Tereza Maia de Assis**

**RESUMO**

O ensino de português como segunda língua – PLE – é pouco difundido, apesar da demanda recente (e crescente) de se atender estrangeiros que vieram para o Brasil, motivados por diferentes razões, como os eventos esportivos ocorridos nos últimos anos, intercâmbios estudantis ou exílio forçado por guerras ou catástrofes naturais (refugiados). Por isso, traz-se na introdução, um recorte do aporte teórico utilizado e os conceitos de que nos valemos na pesquisa. Verifica-se que, no ensino de PLE, a concepção de língua-cultura e o processo étnico-identitário permeado pela língua se inter-relacionam fortemente com as estratégias de ensino a serem adotadas. Nesse sentido, buscamos identificar o que pode ser considerada uma boa estratégia docente e os problemas encontrados na elaboração dos materiais didáticos. E, por fim, a partir da análise dos dados – extraídos das unidades didáticas do Portal do Professor de Português Língua Estrangeira, que norteiam os trabalhos dos professores em países lusófonos– verificamos os principais temas que recorrem nos materiais didáticos destinados a esse ensino. O objetivo deste artigo é, portanto, trazer um panorama sobre a realidade do PLE no Brasil, bem como discutir metodologias de construção de materiais didáticos, resultados de uma análise de seis livros destinados ao ensino de português como L2.

Palavras-chave: Português Língua Estrangeira. Ensino de PLE. Estratégias e materiais didáticos.

* Doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG, Docente da PUC Minas.
** Graduanda em Letras pela PUC Minas.

**ABSTRACT**

The teaching of Portuguese as a second language (PLE) is not widespread, despite the recent (and increasing) demand represented for foreigners who came to Brazil, motivated by different reasons, such as sports events in recent years, student exchanges or exile, forced by wars or natural catastrophes (refugees). Therefore, in the introduction, it is presented a theoretical clipping of the contribution and the concepts at which we based our research. In the teaching of PLE, the conception of language-culture and the ethnic-identity process permeated by language are strongly interrelated with the teaching strategies to be adopted. In this sense, we seek to identify what can be considered a goodteachingstrategy and the problems found in the preparation of didactic materials. Finally, from the analysis of the data - extracted from the didactic units of the Portal of the Teacher of Portuguese as Foreign Language, which guide the work of teachers in Portuguese-speaking countries - we verify the main themes that recur in the didactic materials destined to this teaching The objective of this article is therefore to give an overview of the reality of PLE in Brazil, as well as to discuss methodologies of construction of didactic materials, results of an analysis of six books destined to the teaching of Portuguese as L2.

Keywords: Portuguese as Foreign Language. Teaching of PLE. Strategies and didactic materials.

## 1 INTRODUÇÃO

A Língua Portuguesa como Língua Estrangeira (PLE ou L2) tem sido alvo de relevantes estudos e discussões acadêmicas nos últimos anos. Entre outros estudos dignos de menção, é o tema tratado na dissertação de Brandão (2014), "Crenças sobre o ensino do português como Língua Estrangeira: práticas discursivas de professores formadores e em formação inicial", assim como nos artigos "Desenvolvimento da capacidade discursiva através das atividades dos livros didáticos de Português Língua Estrangeira" (GONDIM, 2012) e "Ensino de PLE - Língua Global" (ALMEIDA, 2004)

Em "Crenças sobre o ensino de português", abordam-se as crenças e as práticas dos docentes de PLE que trabalham em diferentes níveis, como professores formadores e de formação inicial. Tal comparação pôde evidenciar que mudam as perspectivas sobre a docência conforme o perfil do professor e de suas experiências com o PLE. Esses fatores, segundo Brandão (2014), são fundamentais para se definir o que seriam boas

metodologias de ensino do português como L2. Nessa mesma vertente, a dissertação "Desenvolvimento da capacidade discursiva através das atividades dos livros didáticos de Português Língua Estrangeira" (Gondim, 2012) focaliza o uso do livro didático como material relevante no ensino do PLE e discute a importância de se escolher materiais adequados para a efetividade das ações em sala de aula. É feito um grande debate acerca da posição do professor em relação ao material que possui, uma vez que, no processo de ensino-aprendizagem, espera-se que se utilize deste apenas como suporte e não como norteador de seu trabalho.

Em "Ensino de PLE - Língua Global", Almeida (2004) aborda a perspectiva discursiva da língua portuguesa; principalmente, discute como a variação linguística, evidenciada por meio de certas estruturas da língua, pode causar divergências e confusões para os estrangeiros, (uma vez que, muitos padrões gramaticalizados não são usualmente utilizados e a variação dialetal – sobretudo aspectos relativos à pronúncia, bem diversificada –, é considerável, se levarmos em conta a grande extensão territorial do Brasil). Além disso, evidencia que é preciso fazer um recorte, ao decidir o que ensinar, observando-se demandas do cotidiano deste ingressante numa nova língua e cultura.

Tais leituras nos proporcionaram uma primeira visão sobre a realidade do PLE no Brasil. Muito se fala sobre o brasileiro aprender o inglês, por exemplo, mas não se fala nas dificuldades que sente um estrangeiro para aprender o português. Os textos mencionados aguçam a visão crítica dos docentes, ao alertarem para a precariedade das metodologias utilizadas no ensino de língua estrangeira por meio de mera repetição e não de imersão na realidade. Uma questão importante para reflexão, já que, se tomarmos o exemplo do ensino do inglês, há muitos cursinhos que usam *a metodologia da repetição e ênfase na gramática normativa* e, também nesse contexto, muitas pessoas não aprendem o idioma por completo (e só o aprendem quando fazem um intercâmbio, quando ficam imersos no ambiente, em convivência com falantes nativos).

Este artigo se organiza da seguinte forma: após essa breve introdução à forma como se tem discutido a temática, na seção 2, trataremos da relação língua/cultura e, na seção 3, da língua como processo étnico-identitário; na seção 4, falaremos sobre a prática do ensino de PLE; na seção 5, traremos nossas considerações finais, uma síntese

que não se pretende exaustiva, a partir do estudo em tela, visto que este ainda se encontra em curso.

## 2 LINGUA, CULTURA, LÍNGUA-CULTURA

Ao longo de nossos estudos sobre PLE, uma palavra foi recorrente: cultura. Mas o que é cultura? Para a antropologia, (Giddens, 2011), refere-se às formas de vida dos membros de uma sociedade ou de grupos dentro da sociedade. Já Stuart Hall (2002), considerando o período histórico moderno, considera que existam culturas nacionais, em que "a lealdade e a identificação" que eram atribuídas anteriormente à tribo, à religião, à região e ao povo passou a ser transferido gradualmente para outros valores e crenças, outros sistemas de referências, nas sociedades ocidentais.

Desta forma, pode-se pensar que a língua é uma forma integrante da cultura de um grupo, tendo em vista que é veículo de representação da realidade, de manifestação seja no âmbito individual, seja no coletivo. A formação da cultura nacional, conforme Hall (2002) teve como um dos pilares relevantes a adoção de uma língua como meio de comunicação em toda a nação; esse fator possibilitou a crença em uma "cultura homogênea" e subsidiou a manutenção de instituições culturais, posto que, na língua, inexoravelmente atuam forças centrípetas (que tendem à conservação e a manutenção de valores e representações, como a escola, as forças normatizadoras – Academia de Letras, etc.), ao lado de forças centrífugas, que impelem à mudança e renovação (como o falar dos jovens, com suas gírias; os jargões profissionais, etc.). Pode-se perceber, assim, que o código linguístico faz parte de toda a formação e a construção da cultura de um grupo.

Almeida (2004) traz também uma válida concepção para os nossos estudos: a de cultura de língua. *Cultura de língua,* para o autor, "é a inserção do aprendente no universo cultural da língua, e deve ser considerada como um fator indispensável na aprendizagem de um novo código linguístico" (ALMEIDA, 2004, p.2). Desta maneira, é a essa cultura que estamos nos referindo quando dizemos que o aluno deve aprender Português como Língua Estrangeira ou L2 (doravante, PLE) por meio da compreensão

da cultura porque assim, a inserção e, consequentemente o aprendizado serão mais eficazes.

Concepções de *Língua-cultura* e *cultura de língua* (Almeida, 2004) remetem à ideia de se pensar a língua como instituinte e instituída no processo cultural de aprendizado, pois, ao mesmo tempo em que a língua é veículo de transmissão de valores culturais, crenças, representações, *etc*., ela se vê influenciada por esse mesmo conteúdo que ajuda a veicular; a língua é viva, plástica, dinâmica – assim ela reflete a cultura e se vê transformada pelas mudanças culturais, políticas, econômicas, que acontecem às comunidades de falantes. É através da língua que se pode conhecer o pensamento das pessoas bem como mudá-lo. E só é possível tal movimento pela capacidade da língua de ser movente constantemente atualizada por novos falantes, em novos contextos e práticas sociais.

É o que Signorini (1998) chama de *dialética da língua,* pois o contexto que torna possível a língua é também "o contexto que permite ao indivíduo ser ele mesmo e usar sua língua de acordo com seus desejos pessoais" (SIGNORINI, 1998, p.77). É pela língua que nos descobrimos pertencentes a um grupo, porque enquanto indivíduos, somos socialmente construídos e individualmente orientados, por isso, entende-se que a língua só pode ser compreendida num contexto social e de produção, porém, de modo simultâneo, essa língua é também individual. Assim é que Hall (2002) defende que a cultura nacional é como um discurso por meio do qual podem construir sentidos e influenciar nossas ações sobre o diferente e sobre nós mesmos nesse espaço. Nisso, a língua tem papel cultural porque contribui para a reconstrução da identidade do indivíduo.

O que consideramos como identidade? A identidade é o espaço do incompleto no ser humano, está sempre em construção. Saussure, em seus estudos, defendeu que não produzimos nenhum discurso novo: nossas palavras já foram preditas depois de nós serão re-ditas. Nossos discursos são permeados por vozes que circulam socialmente e que independem de nossas vontades ou de nossas ações. Por isso, é inegável que a língua é um sistema social e não um sistema individual.

Quando se trata do aprendiz de uma L2, essa identidade é quebrada pela ausência A desinstalação da identidade pode decorrer tanto do êxodo forçado (situação de

refugiados políticos) quanto por uma opção pessoal (como é o caso de um intercâmbio para estudos, uma viagem de turismo mais prolongada, etc.); dessa forma, são diferentes as percepções sobre a necessidade e o valor da aprendizagem de nova(s) língua(s).

## 3 A LÍNGUA COMO PROCESSO ÉTNICO-IDENTITÁRIO E ESTRATÉGIAS DE ENSINO

Língua é identidade. "A língua se relaciona com a sociedade porque é expressão das necessidades humanas de se congregar socialmente, de construir e desenvolver o mundo" (SIGNORINI, 1998, p76). Dessa forma, tomando o nosso objeto de estudo, que é o ensino do português como L2, a apreensão da língua se torna também um processo de (re)identificação, já que o indivíduo tem sua identidade construída pela L1 e depois precisa de novamente se identificar num novo meio.

Consideramos aqui que o ser humano é um ser social, portanto, alguém que necessita de estar em grupos para socializar e produzir cultura. Desta maneira, são estabelecidos códigos que permeiam essas relações e, dentre eles, o mais importante é a linguagem. Podemos dizer, assim, que quando o indivíduo aprende sua língua ele descobre seu grupo e pode expressar sua subjetividade. Do mesmo modo, quando esse mesmo indivíduo se vê num novo contexto e não sabe a língua ali falada, esse sentimento de pertencimento se quebra e impossibilita uma verdadeira interação com os demais falantes, é o que acontece com o aluno de PLE: ao desconhecer a língua portuguesa e estar imerso num ambiente de LP, ele (a) naturalmente, terá o sentimento de pertencimento alterado.

A aprendizagem de uma nova língua pode ser considerada um processo que esbarra no sentimento de etnocentrismo, se feita erroneamente. Tomando como base o que Geertz (1989) defende, o comportamento humano é uma ação simbólica feita através de códigos, dos quais nos utilizamos para a vivência em sociedade, e um dos códigos dos quais podemos nos valer é a língua, como expressão da linguagem e por sua vez, da subjetividade. Por isso, a aprendizagem de uma nova língua incorpora-se como uma nova ação simbólica, uma nova forma de estar no mundo e de representar a realidade e as relações consigo mesmo e com o outro.

Valemo-nos da Antropologia, para entender como o etnocentrismo, que etimologicamente significam (do grego *ethnos* "nação, tribo ou pessoas que vivem juntas" e centrismo que indica o centro); e o relativismo cultural nos ajuda como professores deste aluno estrangeiro, não impormos a nossa cultura por detrás do fazer docente e colaborarmos para um melhor funcionamento das práticas em sala de aula.

A melhor estratégia é adotar-se o *relativismo cultural*, que prevê os choques culturais que são naturais aos diferentes grupos existentes e que se legitimem costumes e comportamentos por eles apresentados. Porque, para se utilizar do relativismo cultural, é preciso que sejam "suspensas" as próprias crenças, que já foram sustentadas, e examinar uma situação de acordo com os padrões de outra cultura (Giddens, 2011).

No que concerne aos métodos que seriam adequados para o ensino de PLE, em sala de aula, a comparação entre línguas heterotônicas (grafia semelhante, mas, sílaba tônica diferente) como português e espanhol, por exemplo, também pode ser uma boa estratégia. Quando possível, a assimilação das línguas em casos de truncamento no aprendizado, pode ser uma alternativa para que a língua seja aprendida mais facilmente. Porém, o mesmo não se verifica quando se trata de alunos com idiomas anglo-saxões ou germânicos, por exemplo, que demandam distintas estratégias para o ensino da língua. Uma coisa é certa, o fato de o professor conhecer uma "língua universal" ou de grande abrangência, como o inglês ou o espanhol, pode ajudá-lo a ser compreendido nesses casos; no entanto, como ressalta Brandão (2014), ancorado em suas pesquisas ressalta: que não se deve priorizar uma língua em detrimento de outra, para não dar preferência a um aluno não nativo (por ver a sua língua sendo utilizada) em detrimento a outro, em situação de turmas heterogêneas.

## 4 O ENSINO DE PLE NA PRÁTICA: O QUE EVIDENCIAM OS MATERIAIS DISPONÍVEIS

Para entender como o processo de ensino de PLE acontece na prática, foi tomado como referência o portal destinado ao Professor de Português-Língua Estrangeira, (PPPLE.ORG), no que tange à organização temática (progressão e nível de profundidade), nos diferentes países lusófonos, e foi realizada uma análise das metodologias e materiais didáticos disponibilizados, levando em consideração as

expectativas de aprendizagem sinalizadas. Foi possível perceber que o foco recai fortemente, no princípio da aprendizagem do aluno não nativo, sobre a apreensão dos traços culturais principais do lugar onde está, para que assim, possa aprender a língua.

É preciso entender que o aluno, especificamente o estrangeiro, é alguém que possui experiências e saberes e, por isso, para ensiná-lo, é preciso que se compreenda que *há uma experiência anterior, uma língua anterior, já internalizada e que o processo de aprendizado da 2ª língua será, muitas vezes, mediado por demandas urgentes da realidade, isto é, terá um cunho altamente pragmático*; por isso, devem-se priorizar métodos específicos – distintos do que são usados para ensino da Língua Materna (LM) – , especificando o diálogo, a cultura por meio do cotidiano e da expressão da realidade, a inovação, focalizando atividades práticas.

A partir de análise da realidade de sala de aula, Gondim (2012) discute que é possível e necessário compreender as capacidades discursivas e de linguagem desse aluno estrangeiro. Uma vez que elas são importantes para o ensino do PLE, porque contribuem para que os alunos possam de forma completa adquirir habilidades de oralidade e escrita. Somente assim: "é possível melhor agir em função da ampliação das competências comunicativas do aprendiz" porque "a capacidade discursiva possibilita que se escolha um tipo de discurso para realizar determinada ação de linguagem" (GONDIM, 2012, p.5 e 6).

Focalizando o ensino de PLE sob a perspectiva dos materiais didáticos e da abordagem de textos para apresentação na sala de aula, o contexto é ressaltado como importante fator para utilização de um texto em material didático PLE. Uma metodologia de ensino adequada, segundo o trabalho de Gondim (2012) salienta a importância do professor (e nunca a dependência deste) em relação ao material didático. Nesse viés, o material didático deve sempre ser organizado em função das expectativas de que o falante possa desenvolver capacidades discursivas, de linguagem oral e de escrita, além de auxiliá-lo na sua permanência no país que o acolhe (funcionar como um facilitador para sua convivência).

Consideramos que uma estratégia adequada de ensino deva ser pensada no âmbito da abordagem que Bronckart (2003) denominada como Interacionismo Sociodiscursivo (ISD). "O quadro interacionista-social leva a analisar as condutas

humanas como ações significantes, ou como ações situadas." (BRONCKART, 2003, p.13). E tomando como referência o trabalho de inúmeros autores nessa linha, pode–se considerar interacionismo sociodiscursivo um suporte teórico importante para desenvolver metodologias ativas em sala de , com base num estudo significativo de gêneros textuais com que os aprendizes tenham contato rotineiramente. Também Bakhtin, grande teórico da linguística moderna, defendia que a linguagem, materializada pelas enunciações são construídas por meio de todo um aparato situacional e social de que o indivíduo precisa na produção de linguagem e para a interação verbal, sendo este permeado pelo intertexto (que se refere aos textos e enunciados que já estão construídos e sacralizados quando nascemos) Dessa forma, o interacionismo sociodiscursivo retoma um processo natural de apreensão dos discursos da sociedade e torna-se uma estratégia docente na medida em que contribui para a construção de discursos por alunos aprendizes de língua não materna.

## 4.1 Coleta, análise de dados e exposição de resultados

De forma a iniciar uma visão de como se dá a aplicação das metodologias do ensino de PLE, analisamos os materiais didáticos do PPPLE, que é uma referência importante aos que se dedicam ao ensino de português como segunda língua. Lá, podem ser encontrados materiais didáticos para os países lusófonos que fazem parte da Comunidade de países de Língua Portuguesa (CPLP). Estes são disponibilizados por voluntários e podem ser encontrados nos três níveis de ensino: 1, 2 e 3.

**Imagem 1 - Página Inicial do Portal PPPLE**

**Fonte: Portal PPPLE (ppple.org)**

Foram utilizados na análise, materiais dos 09 países lusófonos, apenas no nível básico de ensino (nível 1). Porém, apenas 05 deles disponibilizam os materiais para consulta. São eles: Angola, Brasil, Timor Leste, Moçambique e Portugal. Os materiais consistem em propostas de atividades de 3-7 páginas com exercícios curtos que contém exercícios de oralidade, redação e avaliação da unidade.

Importante ressaltar que é possível encontrar materiais de temáticas das mais variadas no portal, mas, nos dedicaremos a analisar os elementos que foram recorrentes nos materiais propostos e que, durante a análise, pareceram se aproximar do objeto de estudo.

**Imagem 2 - Temáticas das unidades didáticas do PPPLE**

**Fonte:** http://ppple.org/unidade-didatica/

De modo geral, foram encontrados materiais didáticos com o mesmo formato, em que se encontra a situação de uso, onde e de que modo o aluno irá utilizar as lições aprendidas, as palavras chaves, e a expectativa de aprendizagem. Com relação a este tópico, sempre são elencados 03 principais objetivos que se espera alcançar ao final da atividade. Nos 05 materiais didáticos analisados, foi possível perceber que correspondiam em grande medida ao que foi anteriormente discutido sobre a necessária relação do ensino do ensino de PLE com a cultura.

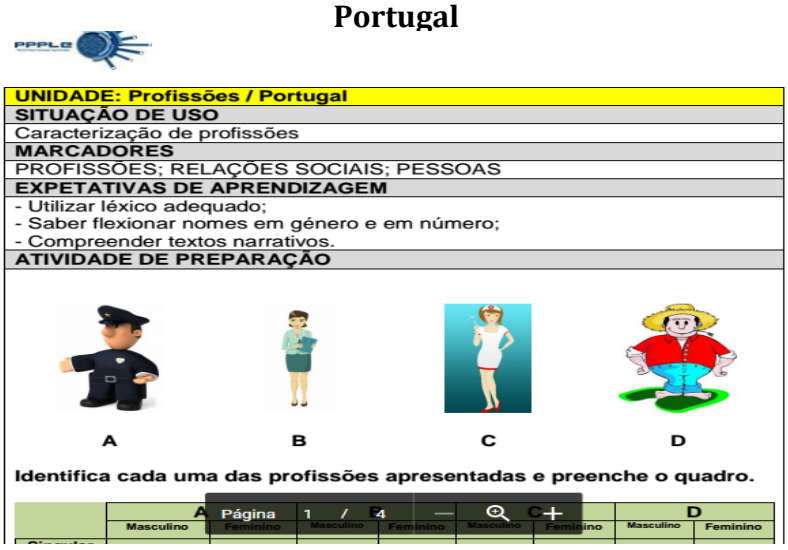
Portugal, Angola, Brasil, Timor Leste e Moçambique chamam a atenção para aspectos importantes referentes ao ensino de PLE: a normatização da 2ª língua, os

objetivos do ensino, a inserção da cultura e as razões que levam o aluno a aprender o português como segunda língua: Estes podem ser trabalho, estudo, etc.

Durante a análise, um importante aspecto foi observado: não se devem priorizar aspectos gramaticais da língua ao estudante de português – língua estrangeira. É preciso que ele primeiro se *interesse pela cultura,* para que assim ele(a) possa aprender a língua por meio de aspectos salientes da cultura, e não da gramática trabalhada de forma prescritiva e descontextualizada. Apesar de conhecermos muitas gramáticas, a mais valorizada e aceita é a gramática normativa, por isso é complicado que já se apresente para o aluno uma listagem de várias regras se ele não saberá aplicá-las ou mesmo se não terá contato efetivo com estas. Desse modo, estimular à *práxis* (ação refletida sobre a língua) é mais importante do que a mera transmissão de teoria gramatical.

Tal perspectiva difere do que se faz em Portugal, já que os materiais disponibilizados por esse país, em grande medida, evidenciavam o interesse de que os alunos conhecessem a gramática; o que fazia com que tivessem tabelas e exercícios com o uso "correto" da língua. Desse modo, pelos materiais que foram analisados (ver tabela de unidades didáticas a seguir), é possível que se possa fazer um panorama das diferenças de abordagem que se tem em cada país e o que se espera que seja aprendido. Outra vez, a reflexão em torno do aprendizado permeado pela cultura volta às reflexões, já que aprender uma língua é aprender uma cultura.

**Imagem 3 - Exemplo de material disponibilizado no portal (primeira página) / Portugal**



| UNIDADE: Profissões / Portugal |
|---|
| SITUAÇÃO DE USO |
| Caracterização de profissões |
| MARCADORES |
| PROFISSÕES; RELAÇÕES SOCIAIS; PESSOAS |
| EXPETATIVAS DE APRENDIZAGEM |
| - Utilizar léxico adequado;<br>- Saber flexionar nomes em género e em número;<br>- Compreender textos narrativos. |
| ATIVIDADE DE PREPARAÇÃO |

A B C D

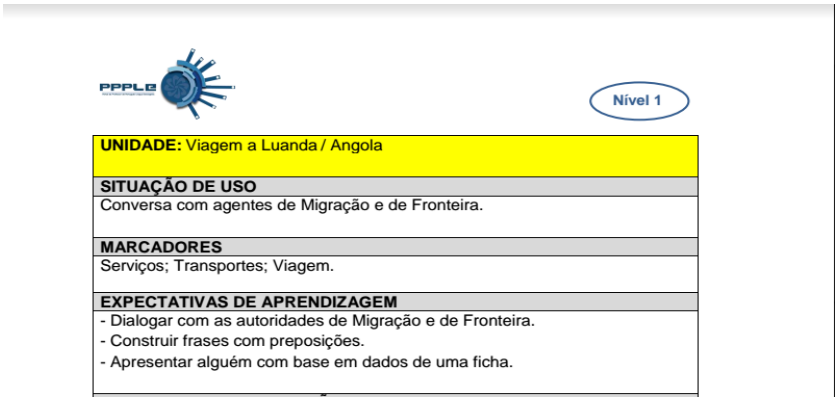
Identifica cada uma das profissões apresentadas e preenche o quadro.

| | A | | B | | C | | D | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Masculino | Feminino | Masculino | Feminino | Masculino | Feminino | Masculino | Feminino |

**Fonte:** http://ppple.org/unidade-didatica/profissoes

As propostas didáticas de Angola chamam a atenção pela abordagem de temas que, em primeira instância, parecem pouco relevantes a um aluno de nível básico, já que são apresentadas apenas situações de encontros comerciais e em aeroporto. Podem ser relevantes se considerarmos as necessidades de um(a) empresário(a), executivo(a), ou qualquer pessoa que precise de tais serviços em primeira mão. No entanto, diálogos que possibilitem ao estrangeiro sanar alguma dúvida ou se desenvolver bem em qualquer situação cotidiana, como pedir uma informação, utilizar um transporte público, iniciar uma pequena interação não foram encontrados.

**Imagem 4 - Exemplo de indicadores de unidade didática /Angola**




**Fonte: http://ppple.org/unidade-didatica/viagem-a-luanda-1**

Quanto ao Brasil, ressalta-se a abordagem de aspectos positivos, que, segundo as metodologias de ensino de PLE, são as mais adequadas: abrangência dos aspectos culturais e ênfase em aulas nos níveis mais básicos da comunicação, como: cumprimentos, agenda (planejamento de tarefas para dias, meses, anos) trazendo o aluno para situações em que ele poderá se encontrar perdido, como: solicitar informações, fuso horário e aspectos culturais como higiene. Como metodologia de interpretação de texto, foram utilizadas músicas da MPB e, ao final, foram feitas avaliações.

**Imagem 5 -Exemplo de indicadores de unidade didática/ Brasil**

| UNIDADE: Que dia cheio! / Brasil |
|---|
| **SITUAÇÃO DE USO** |
| Definição de agenda e rotina. |
| **MARCADORES** |
| Rotinas; Planos; Pessoas. |
| **EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM** |
| - Distinguir partes do dia.<br>- Ampliar vocabulário referente a dias de semana e meses.<br>- Reconhecer uma agenda diária. |

**Fonte: http://ppple.org/unidade-didatica/que-dia-cheio**

A análise dos materiais didáticos de Timor Leste evidenciou como metodologia, assim como o Brasil, aspectos estritamente culturais, como a relação com a higiene e vacinas e as lendas e histórias locais nos textos base dos exercícios. Outro importante aspecto é alertar o estrangeiro para os diferentes dialetos falados no país que podem causar estranheza.

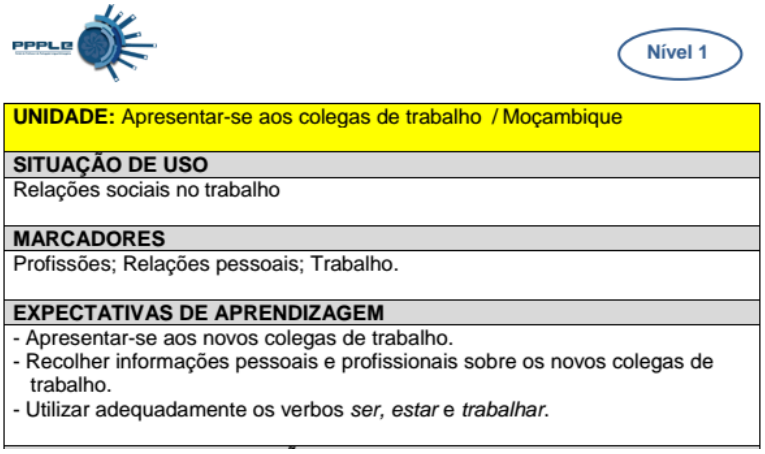
**Imagem 6 -Exemplo de indicadores de unidade didática /Timor Leste**

| UNIDADE: Compras / Timor-Leste |
|---|
| **SITUAÇÃO DE USO** |
| Diálogos em situações de compras. |
| **MARCADORES** |
| Compras; Rotinas; Comida. |
| **EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM** |
| - Conhecer números para aplicar em situações de compras.<br>- Conhecer géneros alimentícios.<br>- Por em prática o uso de adjetivos para caraterização dos géneros alimenticios. |

**Fonte: http://ppple.org/unidade-didatica/compras-4**

As propostas ofertadas por profissionais de Moçambique, assim como nos materiais utilizados para Brasil e Timor Leste, têm como objetivo explorar o uso da língua sob a perspectiva da apreensão da cultura local e da utilização desta em situações cotidianas: relações sociais, orientação no espaço, alimentação (identificação e compra principalmente). Além disso, um aspecto importante pode ser observado, as compras e a orientação no espaço são frequentemente encontrados, o que contribui muito para o aprendizado do aluno PLE.

**Figura 7 – Exemplo de indicadores de unidade didática / Moçambique**



Nível 1

| **UNIDADE:** Apresentar-se aos colegas de trabalho / Moçambique |
|---|
| **SITUAÇÃO DE USO** |
| Relações sociais no trabalho |
| **MARCADORES** |
| Profissões; Relações pessoais; Trabalho. |
| **EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM** |
| - Apresentar-se aos novos colegas de trabalho.<br>- Recolher informações pessoais e profissionais sobre os novos colegas de trabalho.<br>- Utilizar adequadamente os verbos *ser*, *estar* e *trabalhar*. |

**Fonte: http://ppple.org/unidade-didatica/apresentar-se-aos-colegas-de-trabalho**

Como se pode perceber, os eixos mais recorrentes se desdobram nas seguintes posturas: uma vista como mais positiva e produtiva, que enfoca aspectos linguístico-culturais (Brasil, Moçambique e Timor Leste); outra, calcada no ensino de regras gramaticais – Portugal; já os materiais de Angola centram-se quase exclusivamente na temática da viagem a negócios, presumindo um aluno que trabalhe como um executivo – não há um olhar mais amplo para outros aspectos do cotidiano, porém, igualmente, não se observa uma preocupação excessiva com tópicos gramaticais. Com isso, podemos definir distintos perfis de estudo / ensino de PLE: este pode ser pelo viés cultural, preso à norma padrão da língua ou centrado na necessidade do aluno (considerando-se, para tanto, um grupo mais homogêneo de aprendizes).

A tabela de unidades didáticas, a seguir, mostra o mapeamento feito a partir da análise dos materiais didáticos encontrados no portal PPPLE (Nível 1) sob a ótica das metodologias e expectativas de aprendizagem que foram utilizadas para o ensino. Desta forma, buscou-se refletir em que medida os métodos eram eficazes e se aproximavam do que se pretende alcançar para obter resultados satisfatórios no ensino de PLE. Levando em consideração as análises acerca de apenas materiais didáticos do nível básico, pôde se ter um panorama do que em primeira instância, ou seja, no nível básico (A1), é esperado que esses alunos aprendam:

**Quadro 1- Tabela de Unidades Didáticas - Nível Básico PPPLE**

| País | Metodologias Utilizadas | Expectativa de aprendizagem |
|---|---|---|
| **Angola** | Exemplificações, exercícios e interpretações de texto; uso de imagens, assimilação com a LM; introdução de regras gramaticais; exercícios que exploram o conhecimento que o aluno tem da língua. | Explorar o uso da língua em situações cotidianas, como: viagens, solicitação de informações e reconhecimento do espaço. |
| **Brasil** | Atividades diversas como: palavras cruzadas, interpretações de textos e letras de músicas, simulações, exemplos, apresentação do repertório cultural, múltipla escolha, assimilações com a LM e, proposta de avaliação. Uso de imagens. | Explorar o uso da língua em situações cotidianas: no contato com as pessoas, na definição e reconhecimento de rotina por meio de dias, horas, meses e a relação com a cultura por meio da expressão da subjetividade. |
| **Cabo Verde** | Não encontrado | Não encontrado |
| **Guiné-Bissau** | Não encontrado | Não encontrado |
| **Guiné-Equatorial** | Não encontrado | Não encontrado |
| **Moçambique** | Uso de imagens, recursos multimeios (vídeos e áudios), quadro comparativo assimilação com a LM, interpretações de texto, correspondência entre palavras e imagens, introdução de regras gramaticais; proposta de atividade de oralidade. | Explorar o uso da língua sob a perspectiva da apreensão da cultura local e da utilização em situações cotidianas: relações sociais, orientação no espaço, alimentação (identificação e compra principalmente). |
| **Portugal** | Uso de imagens, ensino de | Aprendizagem do uso |

| | | |
|---|---|---|
| | regras gramaticais com foco na flexão dos substantivos, interpretação de texto, quadro comparativo (imagem/palavra), atividades de antecipação de leitura, multimeios; assimilação com a LM, atividade de avaliação. | adequado do léxico, das profissões, tipologia textual, situações cotidianas e expressão da subjetividade/ "entreajuda". |
| **São Tomé e Príncipe** | Não encontrado | Não encontrado |
| **Timor Leste** | Interpretação de texto e de imagens, atividade de avaliação, leitura da literatura local, produção textual, formação de palavras, identificação de medidas, multimeios. | Aprendizagem sob o viés da cultura local, das necessidades cotidianas básicas, as relações sociais, foco também na saúde, literatura e produção agrícola. |

**Fonte: (ASSIS, 2016).**

Como exemplificado, as metodologias usadas em todos os materiais didáticos encontrados visam centrar o ensino da língua em atividades que privilegiem a oralidade, a interpretação e a utilização dos multimeios (vídeos e áudios). Pode-se perceber um interesse grande por parte dos colaboradores em ampliar os métodos a serem aplicados em sala de aula, tendo em vista a quantidade de diferentes recursos de que eles dispõem para o ensino.

Com isso, nos níveis 2 e 3, as metodologias não se alteram, sendo recorrentes os usos de recursos audiovisuais, porém os objetivos de aprendizagem são diferentes: porque, considerando que os alunos de todos os níveis possuem uma situação de uso e uma expectativa de aprendizagem específica, os níveis 01 e 02 diferem quanto à abordagem das temáticas. Enquanto nos materiais do nível 01 a "situação de uso" é centrada na produção textual (oral ou escrita) com foco em uma situação corriqueira do cotidiano daquele país; no nível 02 os temas são mais específicos, como por exemplo, a

unidade “vendendo o seu peixe”, de Angola, que aborda os vários sentidos que uma palavra pode adquirir. – trata-se de uma ampliação de visada linguística, considerando-se que o aprendiz já tenha superado aquelas dificuldades iniciais contempladas no material anterior.

Já no nível 03 os temas são mais específicos, considerando acontecimentos históricos ocorridos naquele país e apresentando contextos de leitura e escrita como, por exemplo, a unidade “arte contemporânea” (de “Outros Países”), que demanda do aluno o domínio de certas competências cognitivas mais sofisticadas (análise, síntese, comparação entre aspectos de um fato ou objeto, etc.), bem como a apresentação de conhecimentos interdisciplinares. De maneira geral, as unidades didáticas mostraram objetivos e metodologias muito semelhantes às dos níveis anteriores, mas, que concorrem para o desenvolvimento simultâneo em três frentes: o trabalho com os textos (leitura/produção), com a literatura local / nacional e com tópicos gramaticais, já que buscam proporcionar ao aluno autonomia de leitura, compreensão, análise e produção de textos de diferentes gêneros, sejam eles orais ou escritos, compreensão e análise de textos literários, além da aprendizagem de aspectos gramaticais mais relevantes às práticas de linguagem cotidianas.

### 4.2 Dificuldades na elaboração de materiais didáticos

O mercado editorial oferece uma gama variada de coleções destinadas ao ensino de PLE. A análise de alguns desses materiais evidenciou que não há uma obra completa, que possa prescindir de adaptações ou enriquecimentos por parte do professor. Isso se torna mais evidente se considerarmos que, normalmente, turmas de aprendizes de PLE são heterogêneas, englobando um espectro etário amplo (jovens ou adultos), portanto já com uma experiência pregressa de aprendizagem de língua, e portadores de objetivos bem claros em relação à aquisição desta L2. Disso decorre que o professor precisa avaliar, frequentemente, aspectos que possam gerar dificuldades ao ensino e à aprendizagem de PLE; a partir desses resultados, será possível melhorar materiais e elaborar estratégias mais eficazes de ensino.

Foi o que observou Gondim (2012), em sua dissertação "Desenvolvimento da capacidade discursiva através das atividades dos livros didáticos de Português Língua Estrangeira". Em sua análise, ela elencou enunciados de sete livros didáticos (LD) de grande circulação no meio editorial e estabeleceu critérios para avaliar se atendiam às competências/habilidades de linguagem constatando que nenhum deles estava totalmente preparado para contribuir para o desenvolvimento das capacidades do usuário; a despeito do que evidenciavam seus respectivos autores, na apresentação de cada coleção.

Uma possível crítica a se fazer ao resultado apresentado por Gondim (2012) da análise dos LD é a aparente contradição evidenciada pela pesquisadora quando afirma que: os enunciados das questões de análise linguística, leitura e oralidade são estruturalistas, mas ao mesmo tempo, que considera o perfil do LD como um material didático que aborda a língua(gem) pelo viés da cultura, ou seja, permeado por aspectos caros à perspectiva sociolinguística. No início da análise ela apresenta o LD que será analisado e descreve o perfil abordado pelos autores:

> De acordo com os autores de **Avenida Brasil**,o material é destinado a estrangeiros de qualquer nacionalidade, jovens ou adultos que almejam aprender português de maneira que consigam comunicar-se de forma eficaz com outros brasileiros e utilizar a língua nas diversas atividades cotidianas. O objetivo deste LD é levar o aluno a compreender a falar. A competência escrita, segundo os autores é desenvolvida com o livro de exercícios elemento que não se enquadra nesta análise. (GONDIM, 2012, p.70. Grifo da autora.)

na conclusão, após avaliar alguns enunciados, conclui a análise com apontamentos sobre o perfil que considera ser o mais adequado ao LD:

> Este LD (Avenida Brasil) possui uma visão menos estruturalista da língua, apresenta quase que um terço dos comandos voltados à interpretação de textos e de imagens, além disso, também há uma preocupação com a mobilização dos conhecimentos prévios dos alunos. Observamos ainda que muitos enunciados trabalhem mesmo que de forma implícita, com o contexto de produção, com o plano geral do texto, desenvolvimento de sequência e léxico. Estes elementos são capazes de desenvolver e são evocados a partir do desenvolvimento das capacidades de linguagem. (GONDIM, 2012, p.78)

Considerando a construção de materiais didáticos para turmas heterogêneas, é importante ressaltar a experiência pregressa que esse aluno apresenta. Como preparar

um material didático capaz de se adequar aos conhecimentos anteriormente obtidos em uma turma com trajetórias escolares distintas? É necessário que se façam diagnósticos constantes para que se tenha um *feedback* se os materiais estão cumprindo os objetivos propostos, mas, também que atendem ao nível de linguagem em que se encontra o aluno e a turma.

Nesse sentido um dos principais tópicos a serem evidenciados e que pode ser causa de estranhamentos por parte do falante nativo, provocado por truncamentos (formais ou semânticos) são as expressões idiomáticas. As expressões idiomáticas são aquelas que só têm sentido num contexto e numa determinada língua. Porém, essas expressões muitas vezes estão no nível informal da língua, já que nascem de neologismos que têm por objetivo suprir alguma necessidade linguística de atribuição de sentido que nenhuma palavra dicionarizada possui.

O conflito em torno das expressões idiomáticas poderá surgir, quando o professor de PLE busca ensinar o léxico para um aluno que desconhece a língua e ele se depara com uma situação em que um item lexical é apresentado e ele tenta aplicar o que foi aprendido em sala. Mas, sem o conhecimento prévio da natureza da expressão, seria este o raciocínio feito por esse aluno exemplificado por Almeida (2004) com esse quadro:

**Quadro 2 – Exemplo de confusões linguísticas (expressões idiomáticas)**

| **Brincar com fogo** | **Brincar** | **Fogo** | **Resultado** |
|---|---|---|---|
| | "Divertir-se em jogos" | "desenvolvimento simultâneo de calor e luz que é produto da combustão de matérias inflamáveis" | "divertir-se em jogos em que haja desenvolvimento de calor e luz que é produto da combustão de matérias inflamáveis" |

**Fonte: Almeida (2004)**

O sentido obtido na coluna "resultado" (composicional) é totalmente diferente do que realmente significa "brincar com fogo", que é usado com o sentido de lidar com o

perigo ou o perigoso. Isso se deve ao fato do que o autor chama de combinatória lexical: que é a junção das partículas lexicais em busca de uma unidade de sentido, que nesse caso, não corresponde ao sentido que individualmente, cada partícula tem.

Mas como se pode analisar, o resultado de uma expressão não resulta do somatório dos significados dos morfemas ou palavras apresentados, e, na busca de chegar a uma combinatória lexical, muitas vezes ocorrem más interpretações como a que foi exemplificada anteriormente. Almeida (2004) apresenta para nós possíveis situações pelas quais o aluno estrangeiro pode se deparar enquanto busca o significado de uma expressão idiomática:

a) não encontrar nos verbetes dos léxicos que compõem a locução;
b) encontrar a locução e desde logo a sua definição;
c) encontrar a locução definida por outra locução;
d) encontrar a locução a definida por outra locução e esta definida por sinônimos (palavras simples);
e) encontrar a locução definida por palavra simples sinônima e esta definida novamente por locuções ou palavras simples sinônimas;
f) encontrar a locução definida por outra locução e só então a definição.

Dessa maneira, pode-se perceber novamente a função do professor de PLE e retoma-se a importância do aprendizado pela via da cultura. São vários os países lusófonos, por isso, pela via da "cultura da língua" em que esta atua como instituinte do processo cultural, é mais fácil que sejam evitados problemas de comunicação, como o citado no exemplo anterior.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização desta pesquisa, nos propusemos entender os mecanismos que permeiam o ensino de PLE, as diferenças entre o processo identitário provocado pela língua materna e o que se agrega a ele, quando da aprendizagem da língua estrangeira; analisar as metodologias mais adequadas, o perfil deste aluno de português como L2 e qual é a melhor forma de produzir materiais didáticos com o objetivo de

entender como funciona a aprendizagem da L2 mesmo já tendo contato em várias línguas como inglês, espanhol, francês e alemão, por exemplo.

Para isso, foi necessário no processo de pesquisa, que nos afastássemos, como pesquisadores, do objeto de pesquisa e separar o que é próprio da realidade do ensino de língua materna e entender quais são as demandas no PLE. Entre as muitas que encontramos e que citamos ao longo do artigo, a que ficou mais recorrente, foi a de exploração da cultura da língua alvo, ou seja, a que se busca aprender.

Além disso, conhecer um pouco do cenário em que o ensino de PLE vem se mostrando cada vez mais premente evidencia que o nosso país- e o mundo - vive(m) um momento de mudanças e conflitos que causam um movimento de emigração e imigração intensas; isso faz com que haja a necessidade de qualificação para atender as demandas dessa população que vem para se exilar e buscar uma vida mais segura, ou para passear, trabalhar ou estudar.

Pudemos ver com a análise de unidades didáticas e com a experiência com livros didáticos voltados para essa área, que é difícil preparar um material que se concentre em um perfil de aluno, já que é difícil traçar um padrão de conhecimento da língua nesses casos. Dessa forma, faz-se necessário que o docente de PLE procure munir-se de conhecimentos e instrumentalize-se de forma interdisciplinar, buscando aporte em ciências solidárias, como a linguística, a antropologia, a psicologia, a pedagogia, entre outras.

Aliado a esse percurso, tivemos uma troca de experiência com professores que já trabalham com PLE, o que nos possibilitou aumentar nossas discussões sobre o tema e ler mais sobre ele, contribuindo também para enriquecimento do aporte teórico. Tais experiências foram importantes porque permitiram que novas temáticas para debate fossem suscitadas, já que estamos trabalhando com uma frente muito relevante, se considerarmos a abrangência de profissionais e universidades que dispõem do curso, que é pequena no país, apesar da demanda. Algumas das experiências foram ouvir/ler sobre o uso de músicas e de tecnologias no ensino, além disso, as abordagens metodológicas acerca dos materiais didáticos existentes no mercado editorial.

A troca de experiências com professores que já têm trajetórias significativas de ensino de PLE foi essencial, porque possibilitou aprender sobre métodos de ensino mais

eficientes para o professor, o que tem muito a ver com um instrumental teórico-metodológico com que o professor de língua materna também deve se (pre)ocupar; no entanto, para o professor de língua estrangeira, língua adicional ou língua de herança, torna-se mais conveniente que um diagnóstico (ainda que breve) do perfil da turma lhe mostre qual metodologia é a mais adequada. A própria nomenclatura do Português como Língua Estrangeira, sob as três formas acima evidencia diferentes contextualizações de ensino, posto que subsume diferentes públicos e expectativas de aprendizagem.

A construção desta pesquisa, que se deu buscando sempre materiais didáticos os mais diversos, a exploração PPPLE, além da leitura de dissertações atuais, que são referências sobre a temática, nos permitiu vislumbrar uma contextualização da realidade de ensino no nosso país; a partir daí, investigamos o formato de seis LD, discutidos nas reuniões de grupo de estudos, o que nos evidenciou, por um lado, a grande dificuldade que é preparar material didático eficaz para o ensino de PLE; por outro lado, permitiu que, tentativamente, criássemos 12 unidades de ensino, a serem testadas com turmas reais.

Com Gondim (2012, p.27), reiteramos que "Nossas considerações acerca do trabalho realizado (ou não) para o desenvolvimento das capacidades de linguagem deixam claro que muito ainda há que ser feito para que os LD possam contribuir para a capacitação de um falante de PLE." Nesse trecho, ela faz um apontamento acerca das capacidades de linguagem em livros didáticos, mas é possível dizer que há muito trabalho a ser feito para que o PLE, assim como outras demandas educacionais no Brasil, não se torne um problema não resolvido. É preciso enfrentar as questões que ainda não se mostram adequadas e eficazes nesta modalidade de ensino e mudá-las afim de que possa se tornar, cada vez mais, viável ao aluno estrangeiro aprender o nosso idioma.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mário Sérgio Pinheiro Moreira de. Ensino de Português Língua Estrangeira – PLE- língua global. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem– ReVEL**, v.2, n.2, mar. 2004.

ASSIS, Maria Tereza Maia de. **Tabela de unidades didáticas**. Belo Horizonte: PUC Minas

BH, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRANDÃO, Giliard Dutra. **Crenças sobre o ensino de Português como Língua Estrangeira:** práticas discursivas de professores formadores e em formação inicial. 2014. Dissertação (Mestrado) –Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

BRONCKART, Jean Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos:** por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: EDUC, 2003.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura In: GEERTZ, Clifford**. A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. Consequências da modernidade. São Paulo: UNESP, 2011.

GONDIM, Ana Angélica Lima. **Desenvolvimento da capacidade discursiva através das atividades dos livros didáticos de português língua estrangeira.** 2012.177f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará Fortaleza, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro:DP&A, 2002.

QUADRO europeu comum de referência para as línguas: aprendizagem, ensino, avaliação. [S.l.]: ASA, 2001. Disponível em: http://area.dge.mec.pt/gramatica/Quadro_Europeu_total.pdf. Acesso em: 29 set. 2016.

SIGNORINI, Inês (org). **Lingua(gem) e identidade:** elementos para uma discussão no campo aplicado.São Paulo: Mercado das Letras,Faep/Unicamp, FAPESP, 1998.

VALLAINT, Denise; MARCELO, Carlos. **Ensinando a ensinar:** as quatro etapas da aprendizagem. Curitiba: Ed. UTFPR, 2012. p.242.

**ANEXO - Tabela de proficiência em língua níveis globais**

| | | |
|---|---|---|
| C2 | Utilizador experiente | É capaz de compreender sem esforço praticamente tudo o que lê e ouve. É capaz de reconstruir fatos e argumentos de fontes diversas, escritas e orais, resumindo-as de forma coerente. É capaz de exprimir-se de forma espontânea, fluente e precisa e de distinguir pequenas diferenças de sentido relacionadas com assuntos complexos. |
| C1 | Utilizador experiente | É capaz de compreender uma vasta gama de textos longos e complexos, assim como detectar significações implícitas. É capaz de exprimir-se de forma fluente e espontânea sem, aparentemente, ter de procurar as palavras. É capaz de utilizar a língua de maneira eficaz e flexível na sua vida social profissional ou acadêmica. É capaz de exprimir-se sobre assuntos complexos, de forma clara e bem estruturada e de mostrar domínio dos meios de organização, de articulação e de coesão do discurso. |
| B2 | Utilizador Independente | É capaz de compreender essencial de assuntos concretos ou abstratos num textos complexo, incluindo uma discussão técnica na sua especialidade. É capaz de comunicar com uma grande espontaneidade que permita uma conversa com falante nativo, não se detectando tensão em nenhum dos falantes. É capaz de exprimir-se forma clara e pormenorizada sobre uma vasta gama de assuntos, emitir uma opinião sobre uma questão atual e discutir as vantagens e desvantagens de diferentes argumentos. |

| | | |
|---|---|---|
| B1 | Utilizador Independente | É capaz de os pontos essenciais quando a linguagem padrão usada é clara, tratando-se de aspectos familiares em contextos de: trabalho, escola, tempos libres, etc. É capaz de participar na maior parte das situações que podem ocorrem em viagem, numa região onde a língua alvo é falada. É capaz de organizar um discurso simples e coerente sobre assuntos familiares, em diferentes domínios de interesse, é capaz de relatar acontecimentos, experiências ou um sonho, expressar um desejo ou uma ambição e justificar, de forma breve as razões de um projeto ou de uma ideia. |
| A2 | Utilizador Elementar | É capaz de compreender frases isoladas e expressões de uso frequente relacionadas a assuntos de prioridade imediata (por exemplo, informações pessoais e familiares simples, compras, meio envolvente e trabalho).É capaz de comunicar em situações corrente que apenas exijam trocas de informações simples e diretas sobre assuntos e atividades habituais. É capaz de descrever com meios simples a sua formação, o seu meio envolvente e referir assuntos que correspondam a necessidades imediatas. |
| A1 | Utilizador Elementar | É capaz de compreender e utilizar de expressões familiares e correntes assim como enunciados simples que visam satisfazer necessidades imediatas. É capaz de apresentar-se ou apresentar alguém e colocar questões ao seu interlocutor sobre assuntos como, por exemplo, o local onde vive, a suas relações, o que lhe pertence, etc. É capaz de responder ao mesmo tipo de questões. É capaz de comunicar de forma simples desde que o seu interlocutor fale clara e pausadamente e se mostre colaborante. |

**Fonte: Níveis comuns de Referência/Setembro 2016. PPPLE.**